

Deponente: BRAZ Teixeira da Cruz

Entrevistadores: José Alexandre Salles, Thelma Yanagisawa Shimomura e Renato Campos

Data: 15/01/2015

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor pode retomando.

BRAZ: Olha é um problema sério, então dali, nós saímos de lá meia noite e tanto, aí eu já estava morando lá na cidade industrial, no bairro das indústrias na Rua Dona Alcinda, que o aparelho lá é de um companheiro também que morava na parte velha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor lembra o número, Rua Alcinda que número?

BRAZ: Não sei se era 50 ou 60, não vou dar o número certo não, Rua Dona Alcinda, tradicional Alcinda, entendeu? E lá meu querido irmão e companheiro, que eu devo muito a ele, que na hora meu menino estava novinho, ele (trecho incompreensível) morrer nos 42 anos agora, ele ensinou esse menino a andar, ele rastejava, ele pegou, vou ensinar ele igual na Rússia, pegou o (trecho incompreensível) e começou a rodar com o menino em volta da mesa, ele soltou e ele saiu andando. Então, aí implicava muito, (trecho incompreensível), ele não gostava de tomar banho, passava uma semana sem tomar banho (trecho incompreensível), Élcio Forte, ele era para a polícia ele era o sombra do Marighela, foi assassinado, e até contava muito que quando ele era estudante na escola de Minas, lá em Ouro Preto, ele fazia papel de garçom nos restaurantes para ter um dinheirinho, não é? Então ia muito gringo, então ele pegava aqueles (trecho incompreensível) e escrevia (trecho incompreensível), levantar o prato (trecho incompreensível). Então um cara formidável, entendeu? E dali como eu tinha formação de técnico industrial também, nós montamos uma indústria de conservas na cidade de Divinópolis, na Avenida Getúlio Vargas, chamava Camponesa Indústria e Comércio de Conservas PC, não era partido comunista não, era produtos camponeses. E a qual o meu companheiro, até que morreu recentemente, esqueço o nome, mas eu vou tentar lembrar o nome. Então, essa fábrica, nós fazíamos um produto, então ele era (trecho incompreensível), estado de Lagoa da Prata, entendeu? Então aquilo (trecho incompreensível) dinheiro, para arrecadar que viver só com dinheiro de assalto a banco ou empresa grande, ficava demais, nós fizemos assalto, só tem um seguinte, que o assalto a banco, o primeiro assalto que eu vi em Belo Horizonte Minas Gerais, atualmente, é quando tinha a Caixa Econômica Estadual na

Avenida Alfredo Balena, perto da Faculdade de Medicina, onde estava havendo a greve dos estudantes também. Mas a ordem era essa, não molestar bancária, não molestar ninguém, alguém deixava os panfletos (trecho incompreensível) bandidos, então estamos arrecadando dinheiro apenas para a luta contra a ditadura como retorno a liberdade do Brasil, e futuramente vocês vão receber o seguro, porque o seguro vai ter que pagar. Então saímos tranquilamente sem molestar ninguém.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA 2: Foi em que ano?

BRAZ: Isso aí já foi em 60, bem dizer em 67, 67, e eu morava lá no bairro das indústrias. Então ia lá o chuchu, ia outros companheiros, o Ernesto o Elcio que eu falei, o Ernesto, então ele ficava noite e dia não dormia, ele era muito teórico. E teve um problema lá que aconteceu, porque na década de, quando teve a greve lá de 68, o que aconteceu? Nós conseguimos o mimeógrafo, aquele automático, que ficava rodando aquele negócio (trecho incompreensível) panfleto da greve dos trabalhadores, professores e tudo, arrumamos aquela máquina automática e alugamos um quatinho em outro bairro lá para não ficar aquela, mais seguro, não é? Chegou uns caras do PCB lá em casa e eu estava (trecho incompreensível), “Nós viemos buscar a máquina, é que nós estamos precisando dela, a máquina não está aqui não, a máquina está em tal lugar assim, assim.”. Aí tudo bem, quando é no outro dia chega o Elcio, “Roubaram a máquina, fui lá no lugar e a máquina não está lá”, eu falei filho da mãe, o pessoal do partidão foram e assaltaram, tomaram a máquina, levaram aquela máquina que disse que era até da USP, trouxeram aquelas máquinas grande automática, que podia 10 mil exemplares e foi aquele problema, nós não sabíamos (trecho incompreensível) tinha participação nisso, que tinha muita gente do partidão que morava lá no bairro também e tudo bem. Então aquilo nós ficamos (trecho incompreensível), aí a luta foi violenta, entendeu? Lá (trecho incompreensível) a polícia baixando o pau, (trecho incompreensível). Então tudo bem, aí eu tive que.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vocês não conseguiram identificar quem que levou a máquina?

BRAZ: Não, que segundo, quando chegou na ponta, estava quebrada que ia chegar para a gente, como é que fala? (Trecho incompreensível), não estava à máquina lá mais, entendeu? Então, partidão. Que eu falei que veio os caras me procurar aqui, inclusive eu conheci ele, eu não lembro o nome, que era do partido, do PCB, que precisava da máquina, eu falei que estava em tal lugar assim, assim, aí tudo bem, e nisso aí se deu a continuação da luta, aquela violenta, fiquei sabendo, fui lá para

Divinópolis, Celso Aquino Ribeiro, lembrei o nome do meu sócio, Celso Aquino Ribeiro, ele morreu recentemente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sócio na PC?

BRAZ: É, na PC, ele é quem fundou a fábrica, montou a fábrica, que eu entrava com o trabalho e ele com o dinheiro, aqui para poder.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA2: E o que vocês produziam?

BRAZ: Lá nós fazíamos picles, massa de tomate, ketchup, tudo quanto é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Conserva?

BRAZ: Tempero, a gente fazia lá. Bem, e nisso aí nós saímos, assim, na sexta-feira de noite e íamos treinar a guerrilha lá em Mário Campos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas já tinha tido uma prática na Caixa Econômica?

BRAZ: É já tinha a prática, já tinha feito lá e em outros estados do Brasil, (trecho incompreensível), Vanguarda, popular revolucionária e outros mais já estavam agindo, era assaltando quartel, até houve uma polêmica que um companheiro, o Carlos Marighela, ele baixou e o Marighela estava com um arsenal virado, “cadê as armas Marighela?” Eu me esqueci o nome desse companheiro. “Aqui não tem não, a arma está ali, fica ali no quartel”, (trecho incompreensível), e vamos treinar assim. Tem uma pessoa de, para ensinar direitinho, como manipular a arma, até aparecer um companheiro mandado pelo Marighela e o (trecho incompreensível), entendeu?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor lembra o nome dele?

BRAZ: Não, não lembro também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não tinha Codinome?

BRAZ: Não, não, eu não lembro atualmente, entendeu? (Trecho incompreensível) de segurança, (trecho incompreensível) codinome. Igual, eu tinha (trecho incompreensível) nomes, entendeu? Nunca me falaram meu nome certo, era Douglas, era Juan, era Carlito, era Zezé, Joaquim, Manoel, entendeu? E nisso aí, o cara começou a ensinar primeiro a disciplina prática, entendeu? Como que, assim, respeitar o companheiro, primeiro aquele que tivesse vários companheiros, tinha muitas companheiras, inclusive a Efigênia, que foi esposa do Gilney Amorim, a Conceição, que era (trecho incompreensível) metalúrgico, outras pessoas mais. Então treinava também junto com a gente, entendeu? Aí ia para o campo, aquele negócio de balística móvel e imóvel, inclusive eu fui dar um tiro, estava treinando, acertei em cima da outra bala na árvore (trecho incompreensível), eu falei não, foi por acaso, então eu ensinava

que o olho esquerdo para a direita e o olho direito para a esquerda, que aí você muda a trajetória da bala. E com aquilo ali, então, fui à trajetória e aí nós começamos a fazer algumas ações armadas no campo, inclusive, teve, eu esqueci até de relatar aqui. Antes do golpe militar, voltando atrás, nós tivemos também em Três Marias, aonde foi feita a primeira reforma agrária, que a primeira ninguém fala. A primeira reforma agrária a turma do Francisco Julião, entendeu? (trecho incompreensível), a Luzia, alguns elementos do partido do governo, o nome estava com a gente, tinha um que era do PSB, José Nascimento, que era do PSB, que já morreu, entendeu? Lá foi dos (trecho incompreensível) que foi esse grupo de trabalhadores rurais, tinha até uma lagoazinha [sic] ao lado, que foi tomado com facão, foice e machado, entenderam? Então, dali para cá nós voltamos, eu esqueci de relatar que tem muita coisa senão a gente vai ficar igual a segunda guerra mundial. Então, tudo bem, Mário Campos, Mário Campos, (trecho incompreensível) tem um nome diferente, que foi o primeiro lugar também de guerrilha, fizemos amizade com alguns fazendeiros lá, fazendeiro que eu digo assim, se tinha, que o fazendeiro que eu falei (trecho incompreensível) a gente, não é?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mário Campos, aqui depois de Ibitaré?

BRAZ: É, era aqui para um ladinho, na época tinha mata, o pessoal nunca vi gostar de amendoim, eu só via plantação de amendoim, não via vaca, não via nada, então nós passamos lá. Tudo bem, voltando.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor lembra o local? O sítio?

BRAZ: Era perto da via férrea, tinha uma linha de trem, me deixava e subia no local que era matagal, tudo bem. Voltando atrás, voltei, e aí o fato inesperado, mas eu esqueci de relatar no meu depoimento, a minha prisão que houve antes, foi o problema, antes do golpe militar em uma passeata de estudantes aqui em Belo Horizonte.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor lembra o ano?

BRAZ: Isso foi, pelo menos, no ano de, acho que foi 60, 61, por aí, mais ou menos. Eu estava passeando, eu fui preso distribuindo panfletos, panfletos, na portaria da (trecho incompreensível), entregava ainda, me pegaram, entendeu? Me levaram para o DOPS, me deram um pau [sic] danado [sic] lá, entendeu? Ficamos lá dentro, eu recebi um telefone no ouvido, e fiquei lá uma semana. Então, (trecho incompreensível), a pedido do partido é que entrasse com um habeas corpus e eu saí junto com ele lá, entendeu? Aí morreu (trecho incompreensível), entendeu? Não tinha (trecho

incompreensível) estava com a cachorrinha [sic], entendeu? Que, casado e tal, e filhos, então a perseguição, tudo bem, aí eu saí de lá, por causa desse panfleto, aí sobre os jornais, “Comunista preso em Belo Horizonte distribuindo (trecho incompreensível)”, “Comunista ditador preso” (trecho incompreensível) estado de minas. Bem, voltando atrás.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Só um parêntese, o senhor se lembra o que mais algum torturador que o senhor?

BRAZ: Lembro isso aí nós vamos chegar lá, é agora que eu vou chegar no ponto. E tudo bem, que (trecho incompreensível), quando ele não torturava ele mandava o José Maria Caximbim para a delegacia onde eles estava, que um dos bandidos tinha medo dele e nós comunistas não tínhamos medo, nós éramos torturados, entendeu? Então tudo bem.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor quer relatar o tipo de tortura que foi (trecho incompreensível) essa primeira prisão?

BRAZ: (trecho incompreensível) que chamava pé de poni [sic], jogar água gelada no cara, foi assim, não foi tão uma tortura forte igual houve dentro do golpe militar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas ninguém sabia do paradeiro do senhor?

BRAZ: Não, não. Aí tudo bem, voltando atrás, eu estou um dia, que tinha uma menina que era excepcional, ela chamava Naira, faleceu tinha nove 9 de idade, na época ela era mais nova, e tudo que, ela teve gastroenterite com derrame e escapou, escapou então ficou com sequela, ela não falava, não andava, então eu que tinha paciência de dar comida na boca dela, quando eu morava no bairro (trecho incompreensível), em Divinópolis, em frente ao Colégio Estadual Central, na Rua Goiás, que era propriedade (trecho incompreensível) morava na Rua Minas Gerais, a outra rua paralela à Rua Goiás. O que acontece? Eu estava dando comida a minha filha em torno de meio dia, meio dia e meio, que eu morava nos fundos, daí minha esposa ligou e falou assim para mim, “(F) tem um pessoal aqui querendo falar com o senhor”, eu falei “sabe quem que é?” “Não, estão com uns vidros de conserva na mão”, “manda entrar”. Aí, para você ver, hoje não, hoje nós somos espertos, eu não tive aquela prastides de relatar que o cara era um agente, todo de terno, 3 caras todo de terno e tal, aquele negócio todo, crachá da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, e as conservas na mão, na caixinha. “Falou, não, nós somos industriais paulistas, até relatei isso na Comissão Nacional da Verdade, nós somos industriais paulistas e o seu produto é ótimo, lá em São Paulo nós temos (trecho incompreensível), mas nós queríamos

montar aqui em Minas Gerais, de preferência em Belo Horizonte, que nós temos uma propriedade da cidade industrial, então gostaríamos”. Acabei que falei, “olha, eu não posso deixar a empresa minha sem falar com o meu sócio”, “mas você não pode ir lá”, eu falei “não, que ele trabalha em Lagoa da Prata”, agora você ver como é que eu entreguei o cara, “ele trabalha, ele é fiscal do imposto de renda em Lagoa da Prata.”. “Mas não tem jeito de ligar para ele?” “Eu não sei nem o número do telefone da (trecho incompreensível) para ligar.” Aí o cara pegou e falou assim, “mas o senhor não quer ir a Belo Horizonte para ver o local lá? Nós temos até o local da cidade para montar a indústria e tal, que o produto é bom, foi aprovado, entendeu?” Aí eu falei com a minha esposa assim, “olha, vocês podem me levar e trazer? Porque eu estou sem o dinheiro da passagem, que são 2 horas e meia de ônibus”. “Não nós te levamos e trazemos você aqui”. Tudo bem, eu com a roupa toda cheia de vinagre, pimenta do reino fui com aquela roupa mesmo, entendeu? Aí tinha um corredor, eu olho na rua está um carro com a placa de São Paulo mesmo, uma (trecho incompreensível), aí eu entrei dentro do carro, estava o motorista lá também, um sentou lá na frente e o outro sentou de lado comigo. Então, Divinópolis, da Rua Goiás para chegar ao Centro, tem uma divisão de bairro e o Centro e passa um pontilhão de baixo, de baixo são rios e a linha férrea. Mas naquele momento que deu aquilo, quando estava atravessando eu senti um negócio em mim aqui assim, quando olhei uma 45 em mim aqui assim, (trecho incompreensível), aí o cara falou “seu comunista, safado, sem vergonha. Aonde é que é o quartel aqui?” falei “Eu não sei aonde que é o quartel”, Tac [sic] recebi uma coronhada identificou, Capitão Pedro Ivo, Capitão Portela, estava o Capitão Portela do 12 e o Pedro Ivo era da Polícia Militar, e o Amaury Meireles, Coronel da PM também, tudo junto. O cara falou, “em nome do governo e da segurança nacional o senhor está preso”, eu tentei abrir a porta do carro para poder pular do carro em movimento e aí não deu aí me levaram para o quartel, perguntaram um soldado onde é que era, (trecho incompreensível) pegou lá, chegou lá nesse quartel, começou já me dando chute, entendeu? Aquele empurrando, aí entrei lá para dentro e ficamos naquela de pergunta daqui, pergunta dali e eu falei “eu não sei”, aí que eu vi chegar gente preso lá, chegou as professoras de outras cidades, chegou, acho, que alguns bancários, era um menino que trabalhava na estação de rádio lá para o rumo de Divinópolis.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor se lembra do nome dessas, de alguma dessas pessoas?

BRAZ: Não, não lembro o nome. Atualmente, aí eu teria que relembrar tentar ver se eu entendeu? E aí tudo bem. Passa um pouquinho chega o Celso, (trecho incompreensível), preso, amordaçado, aí o cara falou assim, agora com os 2 juntos, o tal de Portela, Portela é um cara que tinha quase dois metros de altura, a mão dele era isso daqui, entendeu? Ele gostava muito de bater aqui no pescoço ou então bater na perna para ver a força dele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor repete para mim o gesto das mãos, só para detalhe.

BRAZ: Há, que as mãos dele, atualmente, como diz, é as duas, uma só era isso aqui, e ele batia com força, parece que praticava taekwondo, tudo bem. E foi aquele festival, aí amarrou o Celso de um lado e eu do outro, entendeu? Aí mandaram eu, o cabo me tirar da sala e botar na outra sala.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor lembra o nome do Cabo?

BRAZ: Não, não lembro também. Lá dos militares lá da (trecho incompreensível) não lembro. Aí eu estou escutando aquele grito danado da outra sala, aí o cabo me tirou para voltar para a sala. Celso com aquela máscara (trecho incompreensível), que era para abafar o grito, entendeu? Todo ensanguentado, estava (trecho incompreensível), aquele (trecho incompreensível) aqui assim, de cabeça para baixo, com as pernas para cima, aí mandaram eu tirar a roupa, aí tiraram a do Celso do lugar, daí com um pouco eu tirei, (trecho incompreensível). Veio com duas latinhas, àquelas latas tipo doce de leite, assim, grande, aquela que põe azeitona, botaram cheias de água, agora fica em pé em cima dessa lata aqui, se você ficar em pé dois minutos ele começa a doer à planta [sic] do pé, na medicina eles falam planta, que a gente chama de calcanhar, e aquilo o cara [sic] veio, chegou 2 (trecho incompreensível) jogando aquela água, (trecho incompreensível), entendeu? Daí eles dispararam a falar “cadê o dinheiro” eu falei “que tinha o dinheiro?” “Quero saber do dinheiro”, naquilo o (trecho incompreensível) foi muito ignorante, eu virei e falei assim, “você quer o dinheiro para vocês? Vai roubar”, (trecho incompreensível), aquele que “nós roubamos é para causa justa, agora se vocês são bandidos”, porque eu fui falar, esse Capitão Portela me deu um murro que quase quebrou meus dentes. Aí, mais ou menos, em torno de 18h00min e pouco da tarde tinha um ônibus lá, eles pegaram a turma toda, tinha lá umas 20 e tantas pessoas, umas eram de outros movimentos, puseram dentro do ônibus, o Celso, trouxe aqui, deixou eu e o Celso incomunicável no batalhão de guarda, no BG, entendeu? Aí, ainda lembro que até estava lá, foi no outro dia de

manhã chega uma besta, aqueles que querem paparicar o superior, olhou assim naquelas janelinhas [sic] panela de ferro, “Há, eu não sabia que tinha comunista preto não”, eu falei “idiota”, entendeu? E ficamos lá o dia todo, tirou a gente, o ônibus já estava parado lá na (trecho incompreensível), entendeu? E isso aí já podia ser mais ou menos, umas 17h00min a 18h00min horas da tarde, fomos para a Colônia Agrícola Penal, já tinha (trecho incompreensível) que hoje é a Arruda Ladeira, entendeu? Fomos para lá, antes de chegar.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADO 2: Desculpa (trecho incompreensível) companheiro (trecho incompreensível).

BRAZ: Esse aí é o Renatão [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Como que é o seu nome completo?

RENATO: RENATO Campos Amaral.

BRAZ: (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: RENATO Campos Amaral. Além da **JOSÉ ALEXANDRE** Sales, o **RENATO** e a Telma. Então vamos prosseguir.

BRAZ: Mas então, (trecho incompreensível), pararam o ônibus no meio, onde eles construíram o quartel da (trecho incompreensível), antes da Dutra Ladeira, e mandou descer todo mundo. Aí eu lembro que o Amaury, que era Comandante, inclusive Coronel da PM, inclusive foi treinador até do juvenil do atlético, esse Amaury Meireles, ele, eu lembro que ele falou assim, ele mais o Capitão Pedro Ivo, entendeu? Falou assim, “aqui é um lugar ótimo para fuzilar comunistas”, ele era (trecho incompreensível), entendeu? (Trecho incompreensível) caiu e desmaiou na hora, (trecho incompreensível) esse aí não está preparado (trecho incompreensível). E nisso daí fomos lá para, onde tinha algemas para colocar nas pessoas, amarrar naquela (trecho incompreensível), no segundo (trecho incompreensível), no terceiro enrolava, entendeu? (Trecho incompreensível) Metralhadoras estava igual campo nazista, soldado do exército, não era da polícia não. (Trecho incompreensível) pode atirar para matar, entendeu? E aí nós entramos em celas individuais, no pátio estava lá o Amaury Meireles, Pedro Ivo, capitão Portela e o outro Coronel, ele era até do CPOR, vou tentar lembrar o nome dele aqui, que estava lá também, e olhando, então, aí nós começamos a fazer esse sinal para os companheiros para não nos dirigir um com o outro, que aí eles estavam querendo, filmando para ver com quem a gente tinha mais contato, entendeu como que é? Então, (trecho incompreensível), voltamos para a cela, ficamos lá, mais ou menos, umas 2 semanas, aí retiraram a gente de lá, voltamos para

o Batalhão de Guarda, do Batalhão de Guarda me levaram lá para Linhares e de Linhares disse que eu não podia ficar lá, me levaram (trecho incompreensível) das armas de três corações, sabia se eu já tinha ido (trecho incompreensível), como é que eu vou saber isso aí, então você vai para o Rio de Janeiro. Lá do Rio de Janeiro eles deram a volta e voltaram comigo novamente, aí me puseram em uma delegacia junto com presos, com criminosos comuns, entendeu? Aí foram lá e me tiraram, que não podia ficar lá porque era comunista, era preso político, que podia matar (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E não teve detenção no local, no Rio de Janeiro, só foi lá e voltou?

BRAZ: Foi lá e não chegou nem, que nós estávamos de helicóptero, entramos no helicóptero, eles queriam jogar até o Gilney Amorim do helicóptero parar na ilha das cobras, jogar lá e livrar, que ele não precisa dissimular, entendeu? E não conseguiram fazer isso.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA2: Mas tinha quantas pessoas no helicóptero?

BRAZ: Há, tinha 6, que o helicóptero era para 12, tinha 6.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA2: 6.

BRAZ: Entre o, contando com o piloto e o copiloto, entendeu?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA2: Certo. Aí eram você, o Gilney, você sabe as outras pessoas?

BRAZ: É. Então aí voltei para Belo Horizonte.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse helicóptero tinha alguma coisa identificando, como se fosse, era um helicóptero do estado?

BRAZ: Não, era helicóptero camuflado, é camuflado, é da polícia (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vocês não estavam encapuzados, nem nada não?

BRAZ: Não. Então retornamos a Belo Horizonte direto para o quartel do 12. Então já ali na Rua Juiz de Fora funcionava o CPOR, então dentro, (trecho incompreensível), o cara pegou o Amaury Meireles lá em, o Capitão Pedro Ivo, eu vou ensinar para vocês como é que invade um quartel e entrou com o carro de uma vez para o quartel, dentro do quartel, já tinha combinado que ele não pode, que senão os soldados teriam tirado (trecho incompreensível), tinha tirado. Então (trecho incompreensível), os outros

companheiros lá sangrando (trecho incompreensível), mas você sabe que o cara quando ele quer fazer uma coisa, você escolhe entre a vida e a morte. No momento em que estava que eles voltaram com a gente lá para, ia para Juiz de Fora, nós combinamos fazer uma fuga dentro do próprio carro que nós estávamos, que nós tínhamos ido de carro, entendeu? Então ia 3 ou quatro carros e em 1 desses aí nós tínhamos que fazer a fuga, foi aonde 1 dos companheiros pediu que não estava aguentando mais para fazer necessidades fisiológicas, senão ia fazer dentro do carro, o carro ia ficar com odor, um cara ficava com a metralhadora com o carro (trecho incompreensível). Então, 1 dos companheiros, um vacilo tomou a metralhadora do soldado (trecho incompreensível), aquilo rendeu e nós pegamos o carro e cada um seguiu seu caminho para encontrar os companheiros. Então nós tínhamos que ter muita segurança, porque aí tinha o chamado famigerado SNI, Serviço Nacional de Informações até esqueci relatar aqui, porque eu fui trazido aqui de frente do prédio aqui, onde é agora o ministério da saúde, aqui funcionava o Serviço Nacional de Informações, eles trouxeram aqui para fazer relatório para me tirar ainda de noite, quase 00h00min.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Onde é o INSS hoje aqui na Tupinambás?

BRAZ: Não...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Não, é aqui em frente, não é? Na Espírito Santo? Está.

BRAZ: Entendeu? Aí, ali onde funciona o centro Cultural Banco do Brasil, na Praça da Liberdade, ali funcionava (trecho incompreensível) em cima e no fundo tinha o famoso Caldeirão que torturava gente ali também. Então eu fico pensando, Centro Cultural em cima, em cima (trecho incompreensível), foi, houve tortura, ao lado onde é a secretaria da aviação, não sei se é hoje ainda, ali na Praça da Liberdade, funcionava a.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Caríssimo Braz, sabemos que você foi metalúrgico em Contagem.

BRAZ: Fui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não é? Participou de movimentos sindicais, sociais que lutavam contra a ditadura militar, especialmente, da greve de 1968. Foi preso político, sofreu torturas e foi recentemente anistiado conforme aquele documento que o senhor.

BRAZ: A comissão nacional na verdade estaria em Belo Horizonte, na Faculdade Dom Helder Câmara, Faculdade de Direito, Escola Superior de Direito Dom Helder Câmara em Santa Efigênia, a data eu não me recordo, mas eu tenho ali.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E ao final nós vamos filmar esse documento. Aí, o que nós gostaríamos que o senhor nos contasse com detalhes, as suas motivações políticas, os vínculos partidários e as circunstâncias da sua prisão, citando, se possível, os locais em que esteve preso, os companheiros que o senhor encontrou, também presos, quem sofreu e quem as praticou. E, fundamentalmente, caso seja possível, as datas e nomes não é, que são fundamentais para que possamos reconstruir a história desse tempo e buscar a justiça. Então a palavra está com o senhor, fique à vontade.

BRAZ: Bem eu, inicialmente, eu iniciei a minha militância (trecho incompreensível) na década 1958 a 59. Eu era estudante da escola Comercial Visconde de Cairu de Belo Horizonte, situada aqui na Rua Tupinambá esquina com a Avenida Amazonas, local ali onde eu comecei com umas satirizantes, ter novos conhecimentos, ainda era um pouco cru, assim, na política, mas sendo estudante, tem duas opções, pedagogicamente e politicamente. Então, como eu sempre olhei mais a área social dos menos favorecidos, eu fiz a minha opção. Então, atualmente, através dos meus colegas de escola eu ingressei, atualmente na, primeiramente na AP, Ação Popular na igreja, então nós fazíamos reuniões na casa coloquial, aonde era realizada a missa do estudante todos os domingos as 18h00min, na qual lá também participava o Frei Beto, no momento ele era seminarista, ainda. Então, nós brigávamos muito, mas veio uma circunstância, não quero criticar a ordem religiosa nenhuma, que eu respeito muito, para não me sentir, assim (trecho incompreensível), mas não sei o quê, aquele negócio todo. Então eu ficava pensando que o povo, está certo, precisava de oração, mas precisava de um movimento, entendeu? Forte, para ter, educar esse povo, dar mais condições de vida, mais condições humanas, sociais. Então, saindo dali eu resolvi entrar para a POLOP e lá na POLOP eu conheci vários companheiros lá, inclusive o Juarez foi meu companheiro, meu, até a própria nossa presidenta, hoje no Brasil, a Dilma Rousseff, ela era, parece que, estudante ainda do colégio, me parece que é o Colégio Estadual, lá no Estadual Central e depois ela foi para a Izabel Hendrix. E o movimento aí foi se modificando e tomando conhecimentos, então, politicamente, nessa época os estudantes, eles tinham como uma concepção política maior que as de hoje, porque os de hoje é completamente diferente dos anteriores, nós saímos,

lutava bravamente, entendeu? Então, o que acontece, houve várias reuniões em Belo Horizonte, teve aquele, aqui na Avenida Afonso Pena.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Desculpa. O senhor se lembra do ano?

BRAZ: O ano, esse ano, me parece que foi 1960, 59 a 60, por aí, que teve inclusive aquele negócio do petróleo é nosso aquela campanha, então teve aquelas mesas na Avenida Afonso Pena. Então, o chamado, aquele da bandeirinha vermelha, bandeirinha vermelha que eu digo não é do lado da esquerda, é da extrema direita, tem que seguir a tradição família e propriedade. Então, eles começaram a nos provocar, e naquela provocação nós, vamos dizer, quebramos o pau, quebramos as mesas, tinha até a Guanabara ali na Avenida Afonso Pena, no Espírito Santo, e ao lado tinha o DCE, que era o Diretório Central dos Estudantes, ali funcionava 24 horas o alto-falante, então eu quase que não saia de lá, movimentando. E dando nesse parecer veio à polícia e a militar, no momento (trecho incompreensível) DOPS também, (trecho incompreensível) e começou a prender os companheiros, então, eu para não ser preso me escondi, (trecho incompreensível), me escondi no meio da turma lá para não ser preso, e eles levaram alguns companheiros presos. Então nesse momento se Valdomiro que era o líder sindical, o João Luzia, que era outro líder sindical, parece que eles entraram em contato com Brasília e o Professor e Antropólogo Darcy Ribeiro, que era chefe civil da presidência da república, veio a Belo Horizonte, através do Darcy Ribeiro é que descobriu onde os companheiros estavam presos, porque tiraram de Belo Horizonte e levaram para Nova Lima, para Raposos para esconder dos advogados, entendeu? Então, o Darcy Ribeiro exigiu que os companheiros fossem libertados e aí libertaram eles, e a campanha continuou, (trecho incompreensível) greve, dava a gente participava, entendeu? Teve um encontro muito engraçado, que foi na Faculdade de Ciências Econômicas, quando ela era aqui na Tamóios com a Curitiba de julgamento de Cuba, foi 3 dias de julgamento.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor lembra a data?

BRAZ: Isso aí, eu acho que foi em 62.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 62.

BRAZ: É, 62, um julgamento de Cuba de 3 dias. E eu estava lá, participando também, muitos companheiros, e lá teve um determinado momento que um dos estudantes que fazia parte de, que eram estudantes de advocacia, mas como advogado em defesa de Cuba, quando o Carlos levantou ele pediu ao que representava, fazia o papel do juiz, (trecho incompreensível) juiz, para se libertar pegou a garrafinha de Coca-Cola que

estava ao lado, pegou com uma Coca-Cola se faz uma Cuba Livre, mas com uma Coca-Cola não se faz uma Cuba Livre, aquilo foi aquele processo que entusiasmou demais, aí surgiu aquele entusiasmos de continuar, de estudar lá, (trecho incompreensível) fiz faculdade, mas gostava muito da sociologia, filosofia, tudo isso aí, então isso aí muito me ajudou. Então, partindo disso daí, houve outros processos ali em Belo Horizonte, foi quando o, esqueci o nome no momento, o presidente da União Brasileira de Estudantes, mas tem o Edson Luiz que foi espancado lá no Rio de Janeiro, e nessa década o Ministro da Justiça era o (trecho incompreensível) Armando Falcão, que é muito conhecido, que ele largou as tropas, tanques de guerra em cima dos estudantes do Rio de Janeiro, aí criou, atualmente, uma greve nacional, que ali foi aquele pau para lá, pau para cá, e a gente ali, então acabou que foi solucionado pacificamente, ficaram uns para as suas faculdades, entendeu? E, eu não sei o quê que houve, se foi comigo ou não, a condição era, atualmente, infelizmente não existe, entendeu? Ela, como se diz, entra nos jornais burgueses, na televisão comprada, e o brasileiro, atualmente, ele escuta e acha que está resolvendo o problema, mas não resolve coisa nenhuma. Então, por isso que, me tornei um cara mais esclarecido e através desse movimento da POLOP, eu resolvi também, eu não sabia onde é que eu ficava então eu comecei a ficar para lá e para cá, entendeu? Igual à galinha comendo milho. Eu resolvi, fui chamado para o PCB, Partidão, o partidão inclusive funcionava aqui abaixo do Banco do Brasil, aqui na Rua Carijós, no jornal (trecho incompreensível) entendeu? Isso aí era, atualmente, 60 para 61 também, entendeu? Mas o Partidão, aquela política dele e tal, aqui, fazer curso básico. Então eu vinha encaminhando um racha internacional.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Só uma pergunta. Quem eram os companheiros? O senhor lembra quem estava no Partidão nesse período?

BRAZ: No Partidão, atualmente, estavam, eu lembro do Mozart Coelho, José Vieira, tinha um que eu não lembro o nome, o Roger, me parece que esses aí, infelizmente, já passou para outra parte, não foi mortos pela ditadura, mas por consequência de doença, um eu sei que ainda está vivo, e o Vicentão [sic], que é o famoso Vicente, que, inclusive, eu ajudei ele derrubar aqueles eucaliptos (trecho incompreensível), nós derrubamos da noite para o dia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que a cabana Pai Tomaz?

BRAZ: A cabana Pai Tomaz, na nova centro acho que ali deviam chamar nova centro e nem Pai Tomaz a cabana do Vicentão [sic], porque Mozart Coelho,(F) João Luzia, o

Dazinho, que o foi o primeiro deputado operário de Minas Gerais, entendeu? Então todos nós nos ajuntamos, inclusive, se o militar me parece que chamavam serpentes negras, ainda não tinha havido um golpe militar, mas eles já tinham atuação, assim, politicamente, depois do golpe que veio aquele problema que mataram até o companheiro, eu me esqueci do nome, esteve lá na OAB, no dia em que nós nos encontramos lá, que ele falou, entendeu? Os serpentes negras. Então tudo isso aí foi passando, foi passando, e luta daqui, luta daí, e aí a parte infernal que veio foi quando Minas centro, ali já era a secretaria de estado da saúde, ali que era o palco de encontro de estudantes secundários e estudantes universitários e a área sindical, o auditório conseguia então, fazia o movimento ali, tudo bem, isso aí já foi 63, já o final de 62 já para meados e meio de 63, aonde veio ex-governador do Rio Grande do Sul e Deputado Federal, o Leonel Brizola de Moura Brizola, o Brizolão [sic], aí veio, também, aquele que até hoje não foi provado se é traidor ou não, o Cabo Anselmo, aí tem também o cara que era sócia do (trecho incompreensível), que era o Almirante Cândido Aragão, da Marinha, entendeu? Para fazer a reunião, falar com o povo, aqueles comícios ali perto do mercado, mas nós, eu tenho que voltar atrás no tempo que eu esqueci, com aquela racha internacional entre a União Soviética de Mao Tse Tung, a DPE, a Rússia, a União Soviética estava adotando uma linha muito ortodoxa aquele país levado mais para a burguesia. Então nós resolvemos sair do Partidão, aí eu ingressei no Partido Comunista do Brasil.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Há, então é esse racha que o senhor se referiu lá atrás?

BRAZ: É, Partido Comunista do Brasil aonde lá eu conheci o Maurício Galois, Lincoln Oestes, tem um outro professor, Mário Alves, entendeu? E aí, então, eu tomava conta da biblioteca ir ao Rio de Janeiro, que o João Amazonas ficava mais era no Rio, para buscar o João na classe operária. Então eu trazia aquilo com um certo temor de ser pego e tal, mas tudo bem embalado para distribuir nas bancas de jornais em Belo Horizonte, inclusive tinha uma banca de uma senhora aqui na Praça Sete, que era a que recebia mais os jornais. Tudo bem. Agora voltando, novamente, a secretária de saúde.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Só uma pergunta. O senhor lembra o nome dessa senhora que era dona dessa banca?

BRAZ: Eu não lembro o nome dela, era uma senhora assim da cor descolorida assim que nem eu. De cor, entendeu? Mas, inclusive, a banca dela foi até incendiada pela extrema direita e tal. Mas então.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA2: Posso também fazer duas perguntas antes de a gente prosseguir?

BRAZ: Pode, perfeitamente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Quando o senhor falou que estava na AP, não é? E que tinha as missas do estudante. Era em uma igreja?

BRAZ: Não, era na casa paroquial, ao lado da igreja.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA2: Qual igreja?

BRAZ: A Igreja São José.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Há, a São José aqui.

BRAZ: Esqueci de mencionar o nome da igreja.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA2: Ok. E outra pergunta, qual que era o envolvimento de vocês com esse pessoal do Serpente Negra? Porque aqui a comissão da verdade está também, fazendo a investigação desse caso, procurando os documentos, assim, o que você sabe?

BRAZ: O envolvimento com o Serpente Negra se deu logo após o golpe, mas que, alguns companheiros, inclusive o Vicentão [sic], eu estava crente que eles agilizavam mais, que os Serpentes Negras começou a ser perseguidos pela famosa, a gente chamava mala gato, mala gato não era um batalhão de guarda não, mala gato era (trecho incompreensível) tem muitos na época que chamava G2, um grupo de inteligência que perseguia a própria polícia, entendeu? E nisso daí, com relação Serpente Negra, quer dizer, eles nos ajudavam mais do que nós ajudávamos eles, porque, como o negócio é recrutamento de armas, eles pegavam as armas e botavam dentro da viatura, entendeu? Conseguia burlar a própria segurança da polícia, daí escondia essas armas, mas infelizmente, o chamado dedo duro, que é pior que a AP2, inclusive entregou todo mundo e alguns deles foram afogados, afundado no Pedro Leopoldo, Lagoa Santa, inclusive eu fiquei com um companheiro, eu esqueci o nome dele, que esteve na OAB, seria bom que fizesse uma entrevista com ele, procurar saber o nome dele certo, para ele vir que ele tem os detalhes melhores, porque ele, inclusive, ele denunciou o próprio Capitão, o Coronel que mandou que matasse, não só companheiros que estavam reativando a luta como os próprios militares, entenderam? Mas então, (trecho incompreensível), deixa eu voltar novamente atrás.

Daí, hoje, na secretária de saúde, é uma pancadaria terrível, que veio a cavalaria, então, o que acontece? No PC do B, nós já sabíamos disso, que ia haver pancadaria, que (trecho incompreensível), então já viu o quê que ia dar, não é? Nós compramos 50 cabos de machado, entendeu? Ajuntamos aquilo e treinamos igual a guarda vermelha da China, aquele braço (trecho incompreensível) para caminha em cima da TFT e da polícia também, e fora as bolinhas de gude que jogava para os caras cair, entendeu? Deixava o soldado cair para ver que, infelizmente, era confronto mesmo, e foi uma batalha campal dentro de Belo Horizonte, eu acho que a maior batalha que já houve entre líder da TFT, e não só os companheiros de esquerda como outros movimentos sociais também. Porque (trecho incompreensível) é uma pessoa, porque têm muitos movimentos sociais que eles não são de esquerda, igual (trecho incompreensível) Brizola comunista, ele não era comunista, o Presidente João Goulart ele não era comunista, ele era progressista. Porque o gaúcho tem que ter aquele sangue quente, como diz o argentino, (trecho incompreensível) de luta. Tanto isso aí foi acontecido, teve a batalha campal e nisso aí.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Onde que foi essa batalha campal?

BRAZ: Foi em frente o mercado velho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Augusto de Lima?

BRAZ: É Augusto de Lima, antiga, inclusive eu falei o nome dela.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Minas Centro?

BRAZ: É, no Minas Centro, eu chamava centro de saúde...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Antiga centro de Saúde.

BRAZ: É, ali no Centro de Saúde, entendeu? Então, aquela batalha toda, e tudo bem. Aí voltando atrás, continuamos a nossa trajetória política, entendeu? Então o que eu disse, então como eu disse, como o João XXIII, o Papa João XXIII se elegeu a Papa, o estadão Júlio Mesquita, que era de São Paulo (trecho incompreensível), os comunistas tiveram uma grande vitória que elegeu um Papa comunista, porque na época que ele escreveu (trecho incompreensível) social (trecho incompreensível), foi tirada a maioria de Karl Marx, porque Karl Marx não adianta contestar que foi comunista, aí teve a batalha campal ele e o Adam Smith. Adam Smith é um outro (trecho incompreensível) da polícia brasileira que eles queriam tirar quem estava fazendo sociologia e economia para colocar a teoria do Adam Smith, mas não conseguiram. Então ficou a teoria de (trecho incompreensível) que é a mais voltada no proletariado, mas voltada no progresso social. Tudo bem, então isso aí foi dando esse

prosseguimento e, aliás, você sabe que todo movimento há algum traidor, e dentro do PC do B nós não sabíamos, tinha um tal chamado Jorjão [sic], que é Jorge Fonseca, não me lembro, uma coisa assim. E eu, inclusive eu cheguei a levar esse camarada lá na minha terra em Itaúna, que 90 quilômetros, que lá eu tinha um título de terra, e a gente ainda não tinha tido um bom candidato, entendeu? Isso aí já foi já no fim de 63, levei lá para nós tirar uns desenhos do time de guerra para poder depois ir lá e roubar as armas, entendeu? Então descobrimos após o golpe que o cara era da G2, entendeu? Estava lá ensinando a gente Jiu Jitsu, luta livre e tal, aquele troço [sic] todo era no nosso meio, inclusive a pouco, foi no ano passado, eu fui lá naquele negócio Helena (trecho incompreensível), entendeu? E, eu pegando o ônibus me deparei com o famigerado que ficava na minha frente, o cara na minha cor, eu não sei se ele ficou branco ou se eu fiquei preto, seu eu fiquei branco e ele ficou preto, o cara desceu imediatamente do ônibus.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor lembra o nome todo dele?

BRAZ: Não, ele era conhecido como Jorjão, o nome completo (trecho incompreensível), mas ele participava. Então tudo bem, aí veio o golpe militar, aí nós tivemos que entrar na câmara (trecho incompreensível), aquele problema que deu perseguição política, (trecho incompreensível) em cima, a polícia militar em cima, as forças armadas estavam, tem a questão das forças armadas no estado ainda, em atividade em cima da gente. Então, o que eles estavam resolvendo era problemas deles lá, vi que tinha, nós estávamos preocupados com os caras que tinha dentro das forças armadas que era do lado nacionalista, não é? Porque, entre as três armas, exército, marinha e aeronáutica, o (trecho incompreensível) não quer dizer todos, mas tem uma área mais, assim, nacionalista, que, burguesinha, não é? A FAB, então piorou, então convém uma, que existe aí. Então, o que acontece? Nós ficamos (trecho incompreensível) desenvolvendo, atuando com aquele parecer, aí o chuchu, que era estudante de medicina, entendeu? Junto com o Juarez e outros mais, e tem o outro companheiro, é o, que ele eu acho está lá com a Presidente Dilma, que é o Amorim, Gilney Amorim, e até nós tivemos um atrito, atrito assim, político, não é? Ele nunca olhou a realidade dos fatos que aconteceram, entendeu? Então ele, e tinha mais outros que eu não lembro no momento. Então tudo bem.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do Chuchu, o senhor lembra o nome do Chuchu?

BRAZ: Olha esse nome, até o **RENATO**, nós discutimos muito e ficou em segredo, e esse segredo morre comigo até hoje, porque eu tenho família e tal, aquele negócio todo, apesar de que, entendeu? Aí vamos fazer um papel DOPS de inteligência até o **RENATO** brinca muito comigo, você não fala o nome do Chuchu, daí eu falei não, vai descobrir um dia. Tudo bem. Aí nós continuamos câmera (trecho incompreensível) fazendo movimento aqui, movimento ali, daí veio, porém esse golpe militar foi, muita gente contesta, ele foi golpe militar civil? Ou golpe militar? Eu, para nós, para a gente que revolucionários, eu e meus camaradas que participamos ativamente da luta arma, foi um golpe militar patrocinado pelos civis, porque, tanto é, se o Governador Magalhães Pinto, aqui de Minas Gerais, não foi ele que nomeou aquele, o Comandante Geral da PM, que me fugiu o em um mau momento, entendeu? Foi o General Guedes, segundo nós ficamos sabendo, que deu (trecho incompreensível), esse Comandante, que ele tinha treino de A, de B, de C e tal, aquele negócio todo, e Coronel José Geraldo Vasconcelos, me lembrei o nome dele agora, entendeu? Nomear ele tem um atrito com (trecho incompreensível) também, entre os dois Comandantes e o Guedes, que um era contra a Ditadura, e o outro era a favor, então o Guedes com aquela atrocidade dele, foi o tapa na cara do Rabelo, do José Maria Rabelo, que é quando eles entraram no prédio (trecho incompreensível) as máquinas no chão, o José Maria Rabelo deu um tapa na cara do José Roberto, esse tapa ficou marcado historicamente até hoje. (Trecho incompreensível) já morreu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O José Maria está vivo?

BRAZ: Está vivo. E aí foi aquele negócio, no Rio de Janeiro Carlos Lacerda também aderiu São Paulo, o Ademar de Barros. Então as três forças, Minas Gerais, São Paulo e Rio, entenderam? Então com a troca de tropa do Rio, primeira versus que estava a favor do João Goulart para enfrentar Minas Gerais. Então a gente contava com isso, mas isso aí que (trecho incompreensível), então famigerada, então foi que os dois Comandantes deram as mãos antes de chegar em Juiz de Fora, entendeu? Daí então, só sei, ia morrer muita gente, mas a gente contava com a força (trecho incompreensível), mas infelizmente. Aí o Cândido Aragão tomou o forte de Copacabana e os paraquedistas pularam no forte de Copacabana prenderam ele, não é? Prenderam os outros oficiais e ficou aquela, prende aqui, prende ali, aí já, pensei, é tipo aquela agulha perdida sem saber o que fazer com as armas. Então nós estávamos vendo que estava havendo o movimento (trecho incompreensível). Nós nos decidimos 18 companheiros, entendeu? Inclusive o Chuchu, o Frei Beto também

participou, nós fomos para um Convento dos Dominicanos, agora eu posso falar sobre isso aí porque nós ficamos em uma falsa democracia, mas ainda é (trecho incompreensível) que tem um delator ali dentro (trecho incompreensível), eu não sei, eles vão querer invadir novamente o Convento. Então, Convento dos Dominicanos, em uma determinada noite de domingo estava havendo a missa, participando da missa, até tinha (trecho incompreensível) lá que tinha um menino lá, menino que eu falo porque era pequenininho que chamava Fernandes Freides Bicards, que estava junto no partido com a gente, e ele era materialista dialético mesmo. Então participando da missa, terminou a missa, todo mundo saiu, até as senhoras idosas, e nós ficamos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Posso perguntar o endereço de onde era?

BRAZ: Era na Serra, eu não sei o nome da rua, era Convento dos Dominicanos na Serra, é o único Convento da ordem dos dominicanos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso em 64?

BRAZ: Era. (Trecho incompreensível) depois de 64, era 64 porque a área era muito sigilosa. E deu uma senhora de perguntar para o padre, “Esse pessoal que está aí não vão embora não?”. Aí eu lembro que o padre pegou e falou. “Olha, eles são seminaristas que veio de outro estado do Brasil.”. Ele falou (trecho incompreensível) seminarista, foi àquela gargalhada, então segurando para não dar gargalhada. Ficamos lá durante 2 dias, aonde de lá nós queríamos a corrente revolucionária, entendeu? Chamada corrente revolucionária, que foi aliada a NM, Aliança Libertadora Nacional do Carlos Marighela, inclusive nós tínhamos contato com ele, é o Capitão (trecho incompreensível) também e outros mais que nos ajudaram. E daí, foi a partir dessa data, está declarada a luta armada, entra a luta armada, o que seria? Tomar a arma de soldado na rua que não tem nada a ver com ele (trecho incompreensível) também, mas não agredir e nem ferir, entendeu? Que por enquanto era isso, de Tenente ficar assim queria ver o que quisesse, (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E esse nosso ao qual o senhor se refere o senhor se recorda dos nomes dos companheiros que estavam lá nessa reunião que o senhor possa nomear?

BRAZ: Não, que se eu falar atualmente, que estava, estava eu, o Fernando Picasso, Mozart (trecho incompreensível) José Vieira e outros lá que eu não lembro que é muita gente que mistura então a gente não grava.

JOSÉ ALEXANDRE: Eu queria se possível, o senhor retomasse. A secretária de segurança, que onde hoje é o CCBB, funcionava um centro de tortura?

BRAZ: É centro de tortura do G2, que hoje chama PM2, ali era fogo, e a tortura ali era violenta, entendeu?

JOSÉ ALEXANDRE: O senhor foi torturado lá?

BRAZ: Lá, atualmente, não, foi mais no quartel (trecho incompreensível) lá eles não me apertou muito não, mas quando eu fui, atualmente, com desculpa da palavra, que colocaram com mão de nylon na patente [sic], (trecho incompreensível) eu tenho uma parte arrebatada, que ele me esmagou. Isso aí, bem dizer, eu acho que eu até desmaiei na hora, aquele negócio assim sem mexer sem nada, entendeu? Depois que eu voltei ao normal, com injeção, é igual a um cavalo pra aplicar injeção, eu ainda falei, “eu não sou cavalo pra aplicar injeção”, (trecho incompreensível), “tudo bem.”.

JOSÉ ALEXANDRE: Só uma pergunta, na secretária de aviação que o senhor fala, disse que funcionava na praça da liberdade.

BRAZ: É. Centro de Defesa, Centro de Operação e Defesa Interna do Estado, acho que ainda funciona esse negócio em qualquer lugar em Belo Horizonte, deve ter na secretária administrativa.

JOSÉ ALEXANDRE: Obrigado.

BRAZ: Então, outro campo de tortura, lá onde (trecho incompreensível) São Judas Tadeu, ali é clube dos tenentes e subtenentes, ali também houve tortura, entendeu? Até o Padre Francisco Lage, segundo os relataram, foi torturado lá, entendeu? A pessoa Padre Lage já da igreja ali Santo Afonso (trecho incompreensível) na renascença.

JOSÉ ALEXANDRE: O Padre Lage foi torturado. Nova Floresta ou bairro da graça?

BRAZ: Não ali é bairro da graça.

JOSÉ ALEXANDRE: Bairro da graça né a igreja...

BRAZ: Porque ali tem uma divisão né, bairro da graça (trecho incompreensível) perto da Igreja São Judas Tadeu, tem a igreja assim e tem um centro de negócio do clube dos tenentes e subtenentes. E outros lugares também que eles levava pra a delegacia né [sic], pra tortura, e muitos companheiros foram, (trecho incompreensível), como diz, a pessoa e retê-los a pessoa e fugir, aquele helicóptero sobrevoando, cassando noite e dia, a gente passando fome, entendeu? Você não podia sair, tinha que sair de noite no escuro, pra arrumar alguma coisa pra comer quando tinha um trem de uma folha, uma coisa qualquer, que serve ao menos pra resistência que a gente fala, ele deu uma sorte que nós encontramos um campo que estava cheio de orapronobis. Orapronobis é tipo carne de porco, é uma delícia, nós comemos aquela coisa, que foi uma coisa,

estava eu e mais 3 companheiros, entendeu? O tal de Onofre, que já morreu também, o Alfredo, que foi assassinado também. E, então, o que aconteceu, nós fugimos, nós nos ligamos novamente, aí ouve aquela agressividade, entendeu? Que na ditadura é clandestino, na ditadura ainda, fugindo, então continuava preso e clandestino, porque o negócio a ordem é não mexer, não deixar pegar a gente. Porque, eu, por exemplo, o **RENATO** foi comigo lá na João Pinheiro, aquele, como que chama aquele negócio lá?

JOSÉ ALEXANDRE: Arquivo?

BRAZ: Arquivo. Tinha coisas incríveis lá (trecho incompreensível), 49 inquéritos lá. Os companheiros, o próprio companheiro, não vou condená-lo porque a tortura é forte, mas fazendo tudo, falando tudo que eu fazia, entendeu? Fazendo tudo que eu fazia. Então aquilo era tudo relatado direitinho, inclusive, pra própria comissão nacional da verdade lá em Helder Câmara, saiu de lá, o cara que comprou que está certo (trecho incompreensível), está tudo certinho aí, tinha tudo sobre, desde a minha primeira militância até a última. Colocando lá aí o cara, tem uns industriais mandaram uma carta pra a cidade industrial pra as empresas que eu era um elemento estranho e perigoso, incentivador e terrorista e a luta armada. Eu cocei a cabeça assim e falei “né possível que eu estou tão famoso assim”, mas está aqui no livro que eles leram lá, sabe? Do Ministério da Justiça. Tá certo? Eu perguntei certo está, mas que eu sou terrorista, esse negócio todo não, eu jamais ia jogar os trabalhadores (trecho incompreensível), que aí seria não sou Hitler pra aniquilar todo mundo, então deu todo aquele negócio, tudo certinho lá, entendeu? E aí veio um problema, outra confusão, que aí foi terrorismo que eu criei, que nas décadas de final de 70, através de um companheiro, o senhor acredita que eu consegui ingressar companhia siderúrgica mannesmann pra trabalhar lá? Agora olha bem, até o Ênio Seabra trabalhava lá e nós não tinha nem conhecimento não.

JOSÉ ALEXANDRE: Como é o nome?

BRAZ: Ênio.

JOSÉ ALEXANDRE: Ah, o Ênio Seabra.

BRAZ: É. Então o famoso torturador dos trabalhadores lá, Tenente Edson, que era chefe da guarda, os guardas que trabalham lá dentro.

JOSÉ ALEXANDRE: Segurança da,da...

BRAZ: Segurança da mannesmann.

JOSÉ ALEXANDRE: Tenente Edson?

BRAZ: É Tenente Edson.

JOSÉ ALEXANDRE: O senhor o sobrenome dele?

BRAZ: Não, o sobrenome não. Passou mais ou menos, após eu trabalhar lá quase 8 meses, eu conversando com os companheiros, operários, tudo, que ele chegou com aquela tunda de guarda lá e pediu pra mim comparecer até a cabine da segurança [sic], aí depois, aí eu falei, “mais o que aconteceu?” “Não, o senhor espera um pouquinho aqui”, que veio um cara dos recursos humanos, não sei o que era aquilo, falou, os papéis estão aqui, o senhor passa lá no sindicato, no sindicato dos metalúrgicos na época era aqui na Amazonas, tinha (trecho incompreensível), entendeu? “O quê que é isso?” Aí que eu fui lembrar, aí deu uma polêmica que como que um cara que foi preso distribuindo panfleto da Mannesmann consegue burlar todos os recursos humanos e trabalhar lá no período de 8 meses lá dentro.

THELMA: O você ainda entrou com o seu nome verdadeiro?

BRAZ: É. O cara pegou o meu nome, esse aí é o Braz, que foi preso aqui (trecho incompreensível). Então, foi esconder de todo mundo, falei não, aí foi terrorismo inteligente, porque eu distribuí panfleto lá, vou preso lá, depois eu chego na década de 70, eu ingresso lá pra trabalhar e não tem ninguém, depois que o cara passa por setor lá que esse Brás é o mesmo que foi preso aqui [sic], foi uma confusão disgramada que deu lá, segundo o que eu fiquei sabendo, foi gente até embora lá, que mandaram embora, dos recursos humanos lá, (trecho incompreensível). É igual eu ia (trecho incompreensível) e falar quem foi que me colocou lá dentro e nem nada, que eu era pai de família e tal, aquele negócio todo, que até o cara aposentou, então o seguinte, com isso aí foi (trecho incompreensível), aí deu umas polêmicas lá. O cara falou[sic], “você quer falar alguma coisa sobre os torturadores?” “Bem, eu já fiz uma denúncia formal aos jornais, então eu vou começar com o primeiro, aí eu perguntei, quem é que é atleticano aqui?” (Trecho incompreensível) levantou a mão, pois é. “O ex-Presidente do Clube Atlético Mineiro, a qual tinha uma carta, que nós descobrimos, do General Guedes, pra fazer o que quisesse, e o cara é espião, não sei o que é, da CIA Americana,” aí eles estão dizendo do atleticano, quem é? Aí cada um falava uma coisa, aí não, sou minhoca [sic.] Afonso de Araújo Paulino, entendeu? Aí se queimou (trecho incompreensível), até Capitão Portela, entendeu? Aí o Capitão Pedro Ivo, da polícia militar, o Amaury Meireles, da polícia militar.

JOSÉ ALEXANDRE: Mas o Afonso Araújo Paulino, ele chegou a torturar o senhor?

BRAZ: Não, ele chegou a me pegar, pra ir, como diz ali pegado pelo Clube Atlético Mineiro, que simularam uma confusão ali, não sei o que é que foi, de passar comigo

amordaçado e (trecho incompreensível) aqui pra jogar dentro do carro e olhou pra mim assim, “é, você vai ter um acerto com o (trecho incompreensível)” cargo anticomunismo.

THELMA: Mas ele foi com os policiais nessa...

BRAZ: Junto, com os policiais dentro do carro, então depois eu descobri que ele tinha uma carta do Guedes e ele, atualmente, é o tipo daquele cabo da marinha, ele é ou não é da CIA, que estava fazendo aquele (trecho incompreensível) todo, que (trecho incompreensível) era da CIA, né? Que os Estados Unidos da América, eles têm, eles preparam, treina a pessoa de tal maneira, com uma forma que o cara que entra é atacar o governo, atacar (trecho incompreensível), e a pessoa acha que ele é o líder daquilo, então cai. Inclusive, em Cuba ali, muitos companheiros da marinha, do próprio exército aqui caíram, é por causa dele, entendeu? Porque aquele, o golpe militar que ia haver a reação do agrupamento das agulhas negras com os sargentos, entendeu? E havia uma revolta, e foi abafado, tentaram abafar, segundo consta, que eu não posso provar, mas foi através do cabo Anselmo que houve esse problema, que disse que tinha muito pouco dele com esse cara que estava bêbado [sic], não sei o quê, o Romualdo, como é que era? senador, que ele era ex-militar também, aquela lá em Brasília, eles tinham muito encontro, era o Bolsonaro.

JOSÉ ALEXANDRE: Caiado não?

BRAZ: Não, o Bolsonaro ali, o Bolsonaro, o Caiado era mais na área rural, tem muito apoio dos militares na extrema direita, principalmente a marinha e a aeronáutica é assim com ele, entendeu? Então é problema. Isso daí foi acontecendo, o cara explicou direitinho (trecho incompreensível) porque fez tudo aquilo [sic], agora falar que eu era elemento perigoso, (trecho incompreensível) é perigoso você defender a classe trabalhadora, é perigoso defender o seu próprio país, (trecho incompreensível) ter um país que é invadido por tropas americanas, (trecho incompreensível) golpe militar? Tinham 6 navios de guerra dentro das águas brasileiras prontinho pra agir se houvesse uma reação do povo contra a deposição do João Goulart, entendeu? Que estava ali prontinho, mas como não deu nada, voltaram o seu destino pra alguns países da América Latina aí, e estava virando invasão, entendeu? Então, infelizmente, nós brasileiros temos que estar consciente porque é o que eu dei a minha vida, veio, inclusive, a minha esposa, que eu não sei quem foi que fez, ela foi maltratada, espancada dentro de casa, lá em Divinópolis, ela já faleceu, tem uns 4 anos que ela faleceu, e ela foi maltratada, (trecho incompreensível) não sei o que foi, pegar (trecho

incompreensível), inclusive, ela abortou a criança que ela estava esperando, entendeu?

THELMA: Na época que o senhor foi, o senhor saiu...

BRAZ: Depois que eu fui preso, eles queriam caçar dinheiro, caçar arma, (trecho incompreensível) dentro de casa. Agora, eu como um revolucionário (trecho incompreensível), eu ia deixar dinheiro e armamento dentro de casa? Não, jamais, entendeu? Eu ia procurar um lugar seguro, entendeu? Então, eles fazem aquele julgamento, coloca um contra o outro, e a missão deles é o seguinte, eles confrontam um companheiro com outro companheiro, fica igual o caso do Celso, por exemplo, lá do Celso (trecho incompreensível), na lógica eu tive atrito com alguns companheiros, inclusive, com o Gilney Amorim, achar que eu entreguei o Celso. Na teoria, atualmente, eu entreguei sem saber, entendeu? Eu caí na hora, como eu falei, eles chegaram com o negócio, que eu falei não, eu tenho o meu sócio, eu falei (trecho incompreensível) que é fiscal lá em Lagoa da Prata, quer dizer, eles já tinham a ficha do Celso. Agora, quem é que entregou a gente no centro-Oeste e no Oeste? foi a cidade industrial, mas quem foi da cidade industrial? Companheiro também de fraco ideologicamente, não aguentou, que a tortura ali é tanto física como metal, é sério, entendeu? Então, inclusive, eu passei até o meu advogado, o Doutor Élcio Pacheco, que deu entrada com o pedido da minha indenização, ele pediu, que eu fiz tratamento em clínica psiquiátrica de, vem desde a época, acho que de final de 70 até 78. No Galba Veloso, mas não sei como eles entraram, clínica psiquiátrica Santa Maria, André Luiz, (trecho incompreensível), a santa Clara, tomando Gardenal, Amorgador, anorexil, tripiradol e Neoseni e choque, um psiquiatra de comboio eu estava, eu não podia ver uma arma, um telefone que eu ficava, dava aquela crise, caía no chão, entendeu? Desmaiava, (trecho incompreensível) no hospital, eu estou lá até com os papel eu tirei [sic], fui lá na Santa Clara e na Santa Maria e peguei o relatório todinho pra o advogado, ele tirou xerox pra mandar pra Brasília e daí foi constatado nos fatos o que houve com a minha pessoa. E com relação ao que veio acontecendo, que hoje nós vivemos como eu falei em uma democracia, só tem que, tem que ter cuidado que essa democracia tá perigosa a ser derrubada, porque os de antes estão tudo aí na ativa, entendeu? É então pra a Presidenta Dilma, por exemplo, estão fazendo todo o possível, segundo até o próprio Betinho Agnes falou com a gente lá na OAB, que é uma previsão de após 6 meses que ela tinha ganhado, é de governo, eles pediu o impeachment dela [sic], o impeachment no Congresso Nacional né. E o quê, o PSDB,

não soube entender, que ele tem que saber perder, tem que saber ganhar, entendeu? Então compreender essa crise aí que vem acontecendo no país aí, tira e não tira daqui, então, provavelmente, nós que somos revolucionários temos que ter cuidado, porque infelizmente a tortura, ela ainda continua, ela não acabou não, como eu falei naquele dia lá na OAB, que a Comissão Nacional da Verdade, ou seja, qualquer comissão, seja estadual, tem que conseguir através da Convenção de Genebra a colocar os torturadores, os torturadores na cadeia, colocar mesmo antes que um mata o outro igual acontece com aquele lá no Rio de Janeiro, que ele ia denunciar (trecho incompreensível), ele falou “não eu fiz sozinho”, antes de ele denunciar os outros mataram ele e puseram a culpa nos traficantes, que foi o tráfico que matou ele, então é um problema sério. Eu via aí que as torturas continuam nas (trecho incompreensível), o cara conta às coisas que ele não fez pra ver (trecho incompreensível) [sic], entendeu? Então no país nós temos que estar preparado, que eu não quero voltar mais aquele, aquele, eu não gosto nem de relembrar, o que eu passei eu aguantei, mas o que eu vi outros companheiros passar foi demais, (trecho incompreensível) como estudante de cabeça pra baixo, com as pernas pra cima e que eles me viram, aquela goma, (trecho incompreensível) regrador, coloca na vagina da pessoa com querosene quente, isso é verdade, na minha frente eu vi acontecer isso.

JOSÉ ALEXANDRE: O senhor sabe com quem?

BRAZ: Só tem que eles colocam cabo, soldado, nem sabe quem que é pra fazer um negócio desse, mas tem aqueles que quer, acho promoção. “Não seu capitão, não seu tenente deixa eu bater, arrancar um pedaço da orelha dele”, não, não né assim, porque o soldado, primeiro ele é filho do povo, entendeu? Ele está ali servindo o estado, mas o que acontece? Ele está cumprindo o que os ditadores, os mandatários lá fazem, então ele tem que ter essa reação, entendeu? Então eu, como eu passei tudo isso aí, o que eu vi, os fatos acontecidos, eu não quero que repita mais ao país não, porque se eu ver um negócio desse, eu estou preparado, como alguns companheiros também estão preparados, estou com os meus 75 anos de idade, mas ainda aguento carregar uma N16 na mão. Então o que eu tenho pra esclarecer é isso aí. Se quiser alguma pergunta que eu possa.

JOSÉ ALEXANDRE: Nós estamos, então, concluindo o depoimento do Brás Teixeira da Cruz. A Comissão da Verdade, Seção Minas Gerais, aqui no Sétimo andar, no Edifício da Rua Espírito Santo, onde funciona a Advocacia Geral do Estado.

THELMA: Eu tenho uma pergunta.

JOSÉ ALEXANDRE: Contando com a presença da Telma, que é assessora estagiária da comissão, meu nome é **JOSÉ ALEXANDRE** Sales, eu sou Assessor da Comissão. Tivemos a grata satisfação de contar, posteriormente, com a chegada do **RENATO, RENATO** Campos Amaral, que é a convite do depoente. Nesse dia 15 de janeiro do ano de 2015. Agora, vamos então, abrir pra algumas perguntas que vocês queiram fazer.

THELMA: Pode falar.

JOSÉ ALEXANDRE: Outra coisa que eu esqueci de relatar aqui nesse depoimento. Porque os partidos de esquerda, existe os partidos de esquerda verdadeiro e aqueles que apenas quer colocar um chicletinho no canto da boca e ficar abraçando a namorada [sic], acha que eles são patriotas, mas (trecho incompreensível) televisão. Retornando um pouquinho da luta armada [sic], luta contra o golpe militar, o próprio partidão nos chamou de doido, de louco, que tinha que restaurar democraticamente a democracia, pacificamente, (trecho incompreensível) pacificamente quando? Entendeu? E isso aí os próprios de esquerda, alguns foram culpados (trecho incompreensível) de alguns companheiros e teve um enfraquecimento de alguns, digamos assim, revolucionário. E eu, por exemplo, eu passei no PC do B, teve o Partidão, (trecho incompreensível), PC do B. O que aconteceu, eu nunca tive aquela ideia de consciência de entrar no plano de indenização, quando fala indenização, não que o problema do dinheiro, (trecho incompreensível) vai me ajudar em alguma coisa, mas em aperto de outros companheiros que perderam a vida, entendeu? E de alguns companheiros (trecho incompreensível). Então tudo isso que eu lembro, e eu agradeço muito, não quero como diz, enfatizar muito, mas foi através do partido comunista revolucionário, pelo PCE, o grande líder Manoel Francisco de Oliveira que foi assassinado também, é que abriu a mente, abriu o caminho pra mim procurar os direitos constitucionais que poderiam à minha pessoa, entendeu? Então foi isso aí, através, agradeço muito o apoio do (trecho incompreensível), apoio do camarada Fernandes e outros mais [sic], que ele lezou a qual eu fiz essa conquista de ser o primeiro mineiro a ser indenizado, apesar que ainda não chegou, mas eu fui anistiado, entendeu? Saiu no Diário Oficial da União e eu fico muito grato ao **RENATO** e aos companheiros, e ao povo brasileiro também, pelo povo brasileiro também. Agradeço muito a essa nova oportunidade aqui que deram pra minha pessoa.

JOSÉ ALEXANDRE: O senhor quer falar alguma coisa específica sobre essa anistia?

BRAZ: Não, não (trecho incompreensível) da anistia, é o seguinte.

JOSÉ ALEXANDRE: Que foi recente né? Agora o senhor lembra...

BRAZ: É, foi recente, eu anotei a data aí no papel, acho que foi 6.

JOSÉ ALEXANDRE: Por favor, fique à vontade.

BRAZ: 6 de outubro. Então o que acontece, Muitas coisas, inclusive isso aqui, mandaram da Assembleia Legislativa pra mim agora.

JOSÉ ALEXANDRE: Fique à vontade pra falar.

BRAZ: Olha. Portaria 25 de novembro de 2014. Foi pela Portaria de 25 de novembro de 2014, a do Ministro de Estado e Justiça, publicada no Diário Oficial da União em 26 de novembro de 2014. Foi à anistia e o plano de indenização, que está aqui, eu até.

JOSÉ ALEXANDRE: Ok.

BRAZ: Isso aí, e fora as palestras que eu faço participar, com vários membros da (trecho incompreensível), daqui a pouco vou mostrar meu relatório, isso aqui é da Câmara Municipal de Belo Horizonte.

JOSÉ ALEXANDRE: O senhor pode falar sobre ele?

BRAZ: Isso aqui foi a convite do Betinho Luarte, que pediu ao Tarcísio Caixeta, que foi homenageado, é homenagens póstumas e a homenagem é aos que deram a vida pela liberdade. Eu compareci lá e tinha, aproximadamente, quase 300 pessoas, e lá, no momento, eu encontrei com familiares do Juarez e de outros mais que invés deu conhecer eles [sic], eles que me conheceram, ainda bem, que eu acho que a irmã do Juarez até falou, “o senhor não está lembrado que eu fui lá (trecho incompreensível) e levei um prato de comida pra o senhor [sic]?” “Não, não estou lembrado não.”. (Trecho incompreensível) a comida estava muito gostosa viu porque comida de burguês é forte.

JOSÉ ALEXANDRE: Obrigado. Juarez?

BRAZ: Juarez da POLOP.

JOSÉ ALEXANDRE: Ah.

BRAZ: Agora aqui é o certificado realizado pelo diretório acadêmico Carlos Drummond de Andrade, da Universidade Federal.

JOSÉ ALEXANDRE: De quê que se trata esse certificado?

BRAZ: É relatório sobre o projeto da ditadura militar no país. Pra falar a verdade, a realidade do fato acontecido. Esse outro aqui que está mais claro é a Semana Cultural da Travessia dos 50 anos do Golpe Militar, também, a qual eu participei de uma palestra.

JOSÉ ALEXANDRE: Foi proferida aonde?

BRAZ: Lá na Universidade Federal, no Diretório Acadêmico Carlos Drummond de Andrade.

JOSÉ ALEXANDRE: Ah sim. Obrigado.

BRAZ: Então são esses aqui e outras faculdades também, que eu estive na FUNEP, Escola Estadual lá no Barreiro, que fui duas vezes lá a convite lá da direção da escola. Porque o seguinte, eles procuram saber a realidade de quem, atualmente, esteve e participou, porque você sabe que a história ela é enganosa, ela mente. Uma vez um professor que leciona a história, ele não tem aquela liberdade de mostrar a verdade, porque se ele mostra a verdade pra os alunos o diretor exclui ele [sic], manda ele embora. Então ele tem que seguir aquele famoso, famosa pedagogia, como diz do, problemática, uma coisa do ensino então a gente procura mostrar o fato acontecido, não colocar o bandido e colocar o artista, que, infelizmente, na história coloca o bandido e coloca o artista, é a mesma coisa de falar, quem descobriu o Brasil? “Ah, foi Pedro Alvares Cabral”. Todo mundo fala que Portugal invadiu o Brasil, matou milhões de índios que estavam aqui, então fica nessa coisa. Libertou os escravos, a princesa Izabel, a lei áurea, aquela caneta de ouro dela, manteve os escravos que ela precisava. E o zumbi dos palmares? Ficou fora da história? Então também é um processo. Então na história, ela é completamente enganosa, não só a história, a parte religiosa também, pra quem é religioso, não quero criticar, tenho todo respeito, não sei se eu estou (trecho incompreensível), pode ser isso (trecho incompreensível), entendeu? É igual o problema da Segunda Guerra Mundial, hoje pra a gente na história não mostra que o Vaticano é o menor país do mundo, mas porque que ele é o menor país do mundo? Que na época (trecho incompreensível), que a Itália entrou na Guerra ao lado da Alemanha, concordou, não sei se é o Papa Pio IX ou se é o Pio XII, que pediu que o Vaticano não deixasse entrar nenhum foragido ali e que a tropa italiana não pudesse estacionar ali, entendeu? Então, o pedido do Papa, deixando, desde que transforme o Vaticano em um estado, então o Vaticano hoje é um estado, é um país que lá o Papa é Governador, é Presidente, é o Delegado, é o Comandante, é tudo, entendeu? Então, religiosamente, eles fizeram da religião hoje um campo, na verdade, econômico, né? Mas infelizmente é econômico, que nós temos aí várias seitas religiosas aí. Então engana. O próprio Frei Beto, numa declaração lá na faculdade [sic], no centro da universidade federal declarou, que a bíblia, por exemplo, é bom a pessoa ler, mas ao mesmo tempo é ruim. “Aí perguntaram, mas por quê?” “Porque ela é uma forma de alienação, porque ela mostra uma coisa e a realidade é

outra,” entendeu? Então, religiosamente, ninguém vê hoje na história, ou dentro na religião falou a verdade sobre Jesus Cristo, que Jesus Cristos se for olhar ele foi um dos maiores revolucionários que o mundo já teve, porque eles falam que ele deu a vida para o perdão dos pecados, mas não fala que ele deu a vida pela luta pela liberdade, pelo ideal, pela democracia e a libertação de todo o povo. Então é um problema seríssimo, entendeu? Que nós encontramos aí, que a gente não pode falar muito, né? Porque senão bota até fogo na gente.

JOSÉ ALEXANDRE: Vamos passar a parte das perguntas.

THELMA: Obrigada Seu Brás, eu não quero prolongar muito.

BRAZ: Não. Pode falar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vamos passar uma, pergunta da Telma.

THELMA: Então a minha pergunta é a seguinte: Quando teve a fuga de Linhares o que eu queria saber é se por exemplo os guardas que tavam acompanhando, eles ficaram na mata e vocês fugiram com os carros, eu queria entender um pouco melhor isso, saber qual o ano que foi né, e..

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O sargento que ia para Linhares né.

BRAZ: Era para que (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Sargento (Trecho incompreensível).

THELMA: É.

BRAZ: Foi na década de 69 finalmente, final de 68 para 69, entendeu? O Carlos fugiu com o carro.

THELMA: Mas ai eram quatro carros ou era um carro, não entendi?

BRAZ: Não. Tinha quatro carros, agora outros companheiros estavam indo.

THELMA: Tá.

BRAZ: Só tem que o nosso saiu na frente.

THELMA: Certo+

BRAZ: Entendeu? Então determinante que segundo a orientação que o marido dela nos dava e a guarda dava, é o seguinte, a gente tinha que ter uma função, ou sim, ou tudo ou nada, mesmo que tenha (Trecho incompreensível) tem que haver uma reação, mesmo que haja o que houver, entendeu? Então é o que nós pensamos no momento, porque quando optamos pela luta armada, a opção seria, Che Guevara ou (Trecho incompreensível) porque a guerrilha do Che seria uma área mais montanhosa, área de mata e como o Brasil é um país demográfico muito, áreas (Trecho incompreensível) a do Carlos Maranhão era melhor, porque na guerrilha o seguinte, você não vai de

braços abertos com a tropa inimiga, eles é que tem que vir no nosso campo e não nos não vamos no campo dele, entendeu? Então agora acho que eles aprenderam agora, é isso aí, porque o maior campo de treinamento de tortura pior do mundo diz que é em Israel, né, é segundo nós ficamos sabendo, Israel e Turquia, entendeu. Porque eles aprendem tudo, a tropa americana vai para lá, poder aprender como torturar, como fazer o cara contar e como é, é como diz, invadir áreas, eles tentaram isso na Colômbia né, a junto, com as FARC, mas a FARC não deu moleza não (Trecho incompreensível).

THELMA: Mas aí a fuga foi nos quatro carros ou um carro?

BRAZ: Não. Um carro só, (Trecho incompreensível)...

THELMA: Ah tá.

BRAZ: Então aí nós deixamos o carro em tal lugar e fomos a pé, para não ter, pelo carro o helicóptero podia, entendeu?

THELMA: Encontrar.

BRAZ: (Trecho incompreensível) então seguimos juntos, eram três companheiros só.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quais eram, o senhor lembra o nome deles?

BRAZ: A esqueci até o codinome dos companheiros, mas inclusive esses companheiros não eram nem da Corrente revolucionária não, eles colocaram gente do, da (Trecho incompreensível) contribui demais na luta armada, apesar que era ela religiosa e aquilo, mas foram os que mais contribuíram para a luta de libertação nacional (trecho incompreensível) com o PCdoB, foi o partido que mais perdeu gente na luta revolucionária e hoje virou um partido de pelego, que infelizmente o PCdoB hoje está entregue a (Trecho incompreensível), se João (F) estivesse vivo acho que ele metia uma bala na cabeça e suicidaria. Igual o meu irmão Carlinhos, Carlinho Moura esta fazendo aquela confusão lá em Contagem. Eu fiz uma reportagem com ele, quando ele era deputado estadual, agora eu tenho vontade de chegar lá e dar um soco na cara dele, lá no gabinete dele. Mas como é que eu vou passar pela segurança dele, então tá, contaminando esta gerando aquela confusão toda lá e, o povo de Betim, de Contagem não esta mais assim com ele mais não.

THELMA: Mas aí vocês entraram na mata...

BRAZ: Entraram na mata...

THELMA: Vocês ficaram...

BRAZ: E aí como eles já tinha, aquele QI, aquele dom de sobrevivência, daquele que sair bem (Trecho incompreensível) então não tinha dinheiro, dava um jeito de pegar

um bico uma coisa qualquer, mesmo não conhecendo ninguém, (Trecho incompreensível) eles falam arraial, essas cidadezinhas pequenininhas...

THELMA: Sei.

BRAZ: De 02 mil habitantes, 03 mil habitantes, que todo mundo conhece todo mundo, então chega um estranho, você já viu né.

THELMA: Já sabe.

BRAZ: Esse cara é estranho aqui, ai já vai a policia, chama a policia, tem em cara aqui na área aqui, então tinha que ter todos cuidados [sic], entendeu? Então acho que nesta parte a gente, entendeu.

THELMA: E ai você foi morar a onde? Que ai você estava clandestino.

BRAZ: É eu estava clandestino.

THELMA: Você foi ficar onde?

BRAZ: Ai eu consegui, eu acho que foi a trajetória mais, como se diz, de resistência física eu acho que eu ganho de todo mundo, porque eu consegui chegar a Belo Horizonte a pé, entendeu? O destino quem (Trecho incompreensível) Juiz de Fora ir para lá, eu vim para cá, para cá tem varias cidades antes de chegar em Juiz de Fora, (Trecho incompreensível) em vez de passar por dentro da cidade passava por fora, andando, daqui pegava as coisas para comer, tem negocio de sobrevivência (Trecho incompreensível), as vezes chegava perto de uma pessoa é pedia, falava o eu estou desempregado minha família esta assim, assim, não falava o que era, entendeu? O roceiro, o camponês da roça, eles são muito, como se diz...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Solidários.

BRAZ: É. Solidários, a não toma uma cuia de comida comigo aqui e vem embora para aqui [sic], vocês aceitam comer uma farinha com carne seca, pode trazer para cá, eles davam aquele bolão e farinha e carne seca e andando até eu chegar a Belo Horizonte, e ai fica clandestinamente (Trecho incompreensível), e ai que eu dei um jeito de através de amigos, ai buscar minha mulher e meus filhos, entendeu. Arrumei um dinheirinho é com alguns conhecidos e então depois disso ai aluguei uma favelinha que tinha lá na Renascença [sic], (Trecho incompreensível), aluguei uma favelinha, (Trecho incompreensível) quando veio a anistia nacional, internacional com atriz ai da Globo e outros mais que apesar da Globo não apoiou o golpe militar mas as atrizes tudo, é Fernanda Montenegro, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Vandrê e outros mais, o tem o outro o Chico Buarque de Holanda, pó aquele cara foi, ele foi (trecho incompreensível), tem aquele filme que é do (trecho incompreensível), aquele é

através da musica ele conseguiu fazer as letras e que o outro sabia o que ele estava falando, entendeu? Então chegava lá (trecho incompreensível), depois que os caras foram descobrir. A letra estava comunicando com outras pessoas, da qual ele foi preso também, o Chico Buarque foi torturado, o Gil, esse o Gilberto Gil também foi torturado, entendeu? Fora muitos artistas ai tudo torturados, o Simonal, por exemplo, que foi o grande entregador lá da turma, né. O Wilson Simonal, acabou descobrindo isso também e outros mais. E as coisas foram acontecendo e a anistia, com a anistia internacional e nacional (trecho incompreensível), a qual eu consegui trazer a minha família e (trecho incompreensível), consegui uma aposentadoria por invalidez, na base de um salário, acho que eu fiquei uns quatro, cinco anos, é essa aposentadoria por invalidez entendeu? Aonde um amigo meu tinha a, esse negocio do meu amigo, Sociedade São Vicente de Paula, é que eles davam alimentação, então todo sábado você ia lá, davam um pedaço de Maria Rosa, aquela linguiça né, um quilo de feijão, um quilo de arroz, fubá, meio pacote de macarrão, ia sobrevivendo, entendeu? Aquilo até que eu comecei a arrumar bico, mas não conseguia trabalhar que me dava crise e não podia ficar sem os remédios, gardenal esses troços todos, ai um dia me deu na cabeça, não, não vou tomar mais esse remédio, tá me deixando é maluco, tá me deixando mais doido, daquilo é que eu conversei com o medico psiquiatra, ele pegou falou, não o senhor não pode para de tomar os remédios a não ser eu autorizar, eu falei com ele, ah eu não tó nem aí [sic], não tó me lixando (trecho incompreensível) [sic], e então um conhecido lá da, do bairro lá, ele já morreu, o Senhor Sebastião que era funcionário do, aposentado dos correios para trabalhar num colégio, (Trecho incompreensível) Santo Agostinho, entendeu? Ele falou, olha eu arrumei um emprego para o senhor lá, mas é para varrer. É eu falei, não, não tem problema não, isso primeiramente eu acho que foi de 12 a 15 de julho também, já de 79, até 78 eu andava internado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas isso o senhor, posteriormente a esta fuga o senhor não foi preso não?

BRAZ: Não. Não, não, porque ai eu me guarnecki mesmo viu [sic], eu não teve jeito não, estava com um barbudão ninguém ia me reconhecer [sic], estava com a barba maior que a de Papai Noel. Esse Papai Noel enganador que tem ai, né, as crianças coitadas, ficam esperando um presentinho, chega lá não tem, (trecho incompreensível). Então ele arrumou para mim, o Senhor Sebastião e eu comecei a varrer lá, varrendo o pátio, o colégio era pequenininho né, tinha 200 e poucos alunos,

e os alunos corriam lá né, (trecho incompreensível) sentado tomando o Martini dele, aquela bebida da Espanha, a tequila mexicana, tequila espanhola, e ai fui tomando conhecimento do outro aqui, dali aquilo que te expliquei, que alunos as vez vinha para as mesinhas da escola, com trabalho de historia, e caia muito aquele negocio da historia sobre a Revolução Bolchevique, e eu tava ouvindo o professor estava ensinado Bolchevique erado, ai chegava perto do aluno e falava, o negocio é assim, assim, assim, e deu uma polemica, um dia os alunos, todos eles que estavam tiraram nota máxima 10, que estava valendo ponto, ai um aluno pegou e me dedou, aquele moço lá fora que me ensinou, ai eles vieram em cima de mim. Você sabe, é você estudou historia, eu falei, olha teoricamente não, mas na pratica. Igual eu comecei ai fui desenvolvendo, ai esqueci remédio, esqueci tudo entendeu e continuo, e fui continuando no partido, lá não tinha nada a ver não no colégio, né. Eu tinha, porque esse negocio (Trecho incompreensível) Padre Agostiniano e assim (trecho incompreensível) me deu até um livro, é na trajetória dele explicando quando ele era (trecho incompreensível) que roubava hóstia do capelão dele não deixava eles comer direito, então ele ia na sacristia mais os outros, tirava as hóstias e comia entendeu, e outra hora o cara ia dar aula, falava o se você por o pé fora da porta, alguma coisa, é o carro vai passar lá e vai te atropelar ou e te matar. Então era por isso que os caras ficavam com medo danado, entendeu? A trajetória dele, (trecho incompreensível) eu vou trazer o livro dele para o senhor ver. E ai fui desenvolvendo e estou ai até hoje. Continuando para o que der e o que vier.

THELMA: A minha ultima pergunta é sobre quando você voltou a trabalhar na Mannesmann, é foi em que ano, você lembra?

BRAZ: Foi mil novecentos e, é final de setenta, porque setenta e um, antes de terminar 71 fui mandado embora.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah tá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eles descobriram através do...

BRAZ: É o famoso Tenente Edson.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tenente...

BRAZ: Chefe da segurança.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tenente Edson, Chefe de Segurança.

BRAZ: Todo mundo tinha medo dele lá dentro, mais alto que o Capitão (trecho incompreensível), entendeu? Era forte, chegava com aquela autoridade.

THELMA: Então foi antes de você trabalhar no Santo Agostinho?

BRAZ: É, isso.

THELMA: Foi logo depois da fuga.

BRAZ: É, foi logo depois. Porque no Santo Agostinho eu comecei lá no ano de 79. Quer dizer final de 71 até 78 é eu como diz só andava dopado (Trecho incompreensível) drogado de remédio, entendeu? E sem poder trabalhar, entendeu? Então não consegui, é andava caindo para rua, desmaiando...

THELMA: Mas você acha que esse seu problema foi depois que você saiu da Mannesmann?

BRAZ: Não. Esse problema, eu acho o seguinte, tipo de uma sequela, igual aos eis pracinhas que foram à segunda guerra mundial, (trecho incompreensível), tanta coisa, então aquilo você tem que fazer uma força, que um próprio psicólogo e um parapsicólogo conversou comigo sobre isso. É o negócio é não colocar, você carregar aquilo dentro de você. Tem que libertar o consciente e subconsciente. Em vez de pensar naquilo, levo o pensamento, é até a própria parapsicologista (trecho incompreensível), é mentalmente e olha com os olhos. A qual o ser humano não olha, olha com os dois, mas esquece de olhar com o olho central, entendeu? Então eu fui mim adaptando mais, conversando e, lá no colégio, por exemplo, tive apoio de alguns professores, e aí foi crescendo, foi quando, por exemplo, um dia a diretora, na época chamava Maria Cecília Monteiro Sampaio, uma eis freira, petista doente, entendeu? É petista doente, ele falava comigo e tal, até eu lembro, que eu estava vivendo de aluguel, e o companheiro lá falou comigo, olha pra lá de Santa Luzia, tem uma casa que o cara está vendendo, é aqui você não quer comprar, no Alto do São Cosme, eu falei, não tenho dinheiro para isso não. Vai lá para você vê, eu peguei fui lá, num domingo, aí falei com o cara, olha eu não tenho dinheiro agora não, você pode, se aparecer um comprador, você pode vender, (trecho incompreensível), esta casa era de um tal de um policial Civil Paulo Toca-fundo Filho. Aí eu conversei com, na segunda-feira eu conversei com a diretora, ela pegou, vai lá, vai lá filho, (trecho incompreensível), uma desfeita né, vai lá conversar com o Alonso. Ele pode te liberar, manda outra pessoa olhar o valor aí. Fui lá, conversei com ele. Era o Padre Santiago que estava lá, o Padre Hernandez, (trecho incompreensível), o Anísio muito brincalhão, "**BRAZ** o colégio (trecho incompreensível) sotaque dele espanhol e português, O colégio não pode fazer isso, só podemos olhar é caso de ajuda de saúde, de morte, mas se você como bom empregado, pergunta quanto tem que pagar pela casa. O cara está pedindo cem mil cruzeiros. Passa no departamento pessoal e

pega o dinheiro, me deu um papel, era aquele, era aquele. Quando eu vou saindo da porta, **BRAZ** vem cá. Falei, pronto mijou no pinico, não vai me arrumar mais. Ai ele, com que você vai comprar casa com 100 mil e a escritura que você tem que pagar, mais não sei que, tem outras despesas né, leva, da aqui o papel, eu olhei, nem olhei, passei no departamento pessoal, ela mim deu um cheque, ao portador ainda entendeu, eu vou olhar 150 mil. Ai eu liguei para o Paulo Botafogo Tocafundo, ele trabalha na delegacia ali na Assembleia Legislativa, lá vem o Paulo chegou de moto, fomos procurar o aquele documento de compra e venda entendeu, ali onde é o PSIU, UAI, hoje é UAI né, ali funcionava o Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais, a maior célula do comunista do partido trabalhava lá. Ai a moça ainda falou assim: “Mas será que tem saldo”? O Colégio Santo Agostinho, não vai ter saldo? O vendedor foi muito inteligente, que tudo mandou trocar negocio por dólar, é o dinheiro, da ele os 100 mil, e peguei os 50 para pagar despesas da escritura, ali eu paguei o negocio até sem ver, e uma parte dessa ai me ajudou demais, sem ver, agora já tinha acabado de pagar. Depois morreu a minha filha, aos vinte e oito anos de idade, eles fizeram o pagamento do enterro dela, não cobraram nenhum tostão entendeu, minha mãe também que faleceu, ele ajudou, até o Alonso nesta parte é muito humanista, ajudou, eu tive uma ajuda, falava sinceramente que eu não esperava. O colégio mim ajudou muito, não assim politicamente mais a parte de, como eu diria assim, o trajeto social para, teve um dia assim que eu precisei dele, ele falou: “**BRAZ** a gente tem que adquirir as coisas com o próprio esforço do trabalho da gente, eu vou te arrumar, agora tá aqui, mas vê se você consegue com seu próprio trabalho, você adquirir as coisas.” E até hoje eu mantenho ai entendeu, a tradição e vivo a minha vida correta, (trecho incompreensível) camaradas, aos amigos né. Tai, alguma pergunta a mais, o negocio do Seu **RENATO** [sic].

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Caríssimo **BRAZ** queremos então agradecer sua presença, o depoimento que nos foi concedido, foi concedido a Comissão da Verdade Sessão Minas Gerais, agradecer a presença da Telma, do **RENATO**, estamos encerrando o depoimento, hoje dia 15/01/2015 as 11h00min, quinta feira, as 11h31min. Muito obrigado.

BRAZ: Eu agradeço também a solicitação que foi me feita né, o convite e espero em outra oportunidade está aqui presente para falar de outras coisas, bonitas, boas né, (Trecho incompreensível) de torturas e prisões não, porque é o prisão é uma coisa muito feia, já que o Brasil já é preso perante as potencias internacionais, então é um



dever livremente, mais democraticamente, de um país mais civilizado, social e é o que eu espero, que algum dia este país se torne um país socialista, que o socialismo seria o futuro para a humanidade, onde não houvesse desigualdade nem exploração do homem pelo homem. Muito Obrigado.

THELMA: Nós é que agradecemos em nome da Comissão.